

RESIDÊNCIA SAZONAL NA SERRA DA PENEDA — A GAVIEIRA

Elza Maria Gonçalves Rodrigues de Carvalho

Universidade do Minho

Departamento de Geografia

Campus de Azurém, 4810-058 Guimarães

Telefone: 253 510 560

Fax: 253 510 569

E-mail: elza@geografia.uminho.pt

Palavras-chave: Serra da Peneda, regime agro-silvo-pastoril, residência sazonal.

Preâmbulo

Inserida num quadro de evolução geomorfológica mais vasto, o dos socos graníticos do velho Noroeste Ibérico, a serra da Peneda individualiza-se pelas paisagens vigorosas e imponentes, a que não são alheios o escalonamento e dimensões das rechãs, verdadeiros patamares, que suportam as parcelas cultivadas a envolver os lugares, embora a distâncias variáveis e, nestes, as unidades edificadas e respectivas formas de disposição entre si, conseguidas por populações, que têm em comum o modo de vida, pois, sempre privilegiaram, nas suas práticas agro-pastoris, a utilização da *serra* apesar de, em muitos casos, o fazerem com diferenças acentuadas, de cultivarem espécies distintas e de recorrerem a animais diversificados, no âmbito da pastorícia¹.

Inserida nas áreas muito pluviosas da Europa, a serra da Peneda constitui um bom reservatório de água para o Verão, que é curto e seco, mas, ameno. Contudo, o generalizado encaixe da rede hidrográfica constitui um forte obstáculo ao regadio, porque não só a estiagem esgota muitas das corgas², como se torna impossível, trazer à superfície cultivada, a água que corre nos vales profundos, pois pratica-se o sistema tradicional de rega, que aproveita a acção da gravidade, para fazer chegar a água à cultura.

A Natureza não foi pródiga na Serra da Peneda. Partindo de recursos escassos, o homem só à custa de um árduo trabalho conseguiu, na grande maioria dos casos, preparar os

¹- Se a exposição e escalonamento dos patamares interferiu, de modo indiscutível no *habitat*, por vezes, até nos sistemas de cultura e nas formas de criação de gado, sempre bem expressas na paisagem, a actividade comum a todas as populações foi, até às últimas décadas do séc. XX, a agro-pastorícia, com recurso, na época estival, às pastagens distribuídas por altitudes, quase sempre, superiores a 1000 metros. Os gados subiam à *serra*, não só por que lhes era proporcionado outras associações herbáceas, como se tornava necessário libertar as parcelas para as culturas de Verão, o milho grão associado ao feijão, na maioria das povoações, ou, então, naquelas em que, apenas, se praticava culturas de sequeiro, para permitir que as forragens se desenvolvessem, de modo a proporcionar bons pastos no Inverno.

²- Designação que a população local atribui às linhas de água humildes, com caudal pouco volumoso, mas que exercem uma forte acção erosiva, em virtude da intensidade da força viva que as anima, explicada pelo tipo de vales em que se instalaram, os vales encaixados de fractura, vales com vertentes abruptas e perfis longitudinais de declive muito acentuado e irregular.

seus espaços de cultura. A abundância da pedra permitiu levantar muros que, não só seguram a terra e a desembaraçam para a lavoura, como assinalam na paisagem o vínculo jurídico de propriedade, enquanto resguardam as culturas dos gados, que, diariamente, ladeiam as courelas a caminho das pastagens.

Mas, o aproveitamento do solo e as formas de *habitat* actuais da serra da Peneda poderão corresponder a fenómenos contemporâneos do desenvolvimento da lande de altitude³, isto é, aos finais do primeiro milénio da era actual, substituindo a floresta⁴. Assim, entre os anos 800 e 1000 ter-se-ia verificado, em virtude da necessidade de novos espaços de fixação, uma mutação brusca na cobertura vegetal, com o recuo rápido da floresta⁵, a favor de outra associação, a lande, que se tornou uma das condições indispensáveis para o incremento dos regimes agro-silvo-pastoris implementados⁶.

Então, as formas de fixação humana resultariam, além do vigor dos declives e do encaixe das linhas de água, dos solos com melhores aptidões agrícolas⁷, permitindo distinguir peculiaridades na interacção entre a distribuição dos lugares e os solos cultivados, manifestada num sistema de movimentos e fluxos, com duração multissecular, que aproximou lugares e sítios, a altitudes entre os 100 e mais de 1000 metros e que explica as *nuances* do povoamento na serra da Peneda, das quais evidenciamos o caso da Gavieira.

³- Os resultados obtidos através dos estudos polínico, sedimentológico e radiométrico das turfeiras da altitude das serras da Peneda e do Gerês permitem concluir que a lande, com predomínio das ericáceas, como *Erica* e *Calluna*, só se instalou nos altos cimos no primeiro milénio da era actual, substituindo a floresta.

Contudo, nesta paisagem de lande, os tufo de árvores estiveram sempre presentes, nomeadamente, *Pinus silvestris* e *Aulus*. Coudé-Gaussen, Geneviève (1988), ""Un faciès méridional au sein des "moyennes montagnes atlantiques": les serras orientales du Minho"" in *Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro, 2º Vol.*, C.E.G., Lisboa, p. 215.

Coudé-Gaussen, Geneviève (1981), *Les Serras da Peneda et do Gerês, Étude Géomorphologique*, C.E.G., Lisboa, p. 222.

⁴- A floresta era constituída, principalmente, pelo *Quercus* (*Quercus tozza*), além de outras espécies, não tão importantes, mas sempre presentes, como *Betula* e *Corylus*.

Coudé-Gaussen, Geneviève (1981), *Les Serras da Peneda et do Gerês, Étude Géomorphologique*, C.E.G., Lisboa, p. 220.

⁵- O recuo tão rápido da floresta, em que dominava o *Quercus*, só poderá ser explicado como o resultado das intervenções bruscas e brutais desenvolvidas pelo homem, que terá procedido ao um derrube intenso e rápido, muito possivelmente, através das queimadas e de um excesso da pastorícia.

Coudé-Gaussen, Geneviève (1981), *Les Serras da Peneda et do Gerês, Étude Géomorphologique*, C.E.G., Lisboa, p. 224.

⁶- O devaste sistemático da floresta e sequente aparecimento da lande de altitude, estará relacionado com o início da Reconquista, efectuada a partir das Astúrias, que ao proporcionar uma certa estabilidade e acalmia, permitiu a vinda de grupos e famílias em busca de novos espaços de fixação, nomeadamente, nos sítios elevados da Peneda.

Coudé-Gaussen, Geneviève (1988), ""Un faciès méridional au sein des "moyennes montagnes atlantiques": les serras orientales du Minho"" in *Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro, 2º Vol.*, C.E.G., Lisboa, p. 215.

⁷- Assente no soco granítico os lugares distribuem-se pelas áreas em que os processos geomorfológicos e antropomórficos permitiram a conservação das formações arenosas, suporte de um solo bem drenado e básico resultante da composição calco-alcalina dos granitos.

Coudé-Gaussen, Geneviève (1988), ""Un faciès méridional au sein des "moyennes montagnes atlantiques": les serras orientales du Minho"" in *Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro, 2º Vol.*, C.E.G., Lisboa, p. 217.

1. Aspectos de uma humanização dependente de recursos reduzidos e ocasionais do sítio

A humanização da serra da Peneda sempre dependeu da fixação de grupos que, de modo árduo, foram conquistando espaços adversos e difíceis, sendo a Gavieira, em nosso entender, um dos bons exemplos dos matizes de paisagens e espaços que, paulatinamente, se foram construindo e tipificam o habitat desta unidade montanhosa.

Os cinco lugares principais que constituem, nos nossos dias, a Gavieira (Fig. 1) terão génese e idade diferenciadas, a que não será alheio o facto de o Soajo na Idade Média⁸ e na sequência de usos e costumes vindos de gerações anteriores, superintender todo a vertente sul da serra, o que conferia aos habitantes privilégios reais, como os direitos de montaria, que implicavam aos monteiros, isto é, aos guardas fiscais da serra a gestão dos espaços de culturas, pastagens e caça.

Em virtude destes privilégios reais, que os soajeiros, sempre, tanto prezaram, poder-se-á entender, por exemplo, que, o actual lugar da Peneda possa corresponder a um antigo sítio, muito provavelmente, uma antiga área de pastagens, pertença dos moradores do Soajo⁹, idêntica aquelas que, actualmente, ainda podemos observar e que foram frequentadas, até meados do séc. XX, na época estival, pelos pastores e respectivos gados e rebanhos da rês¹⁰. Contudo, à evolução do sítio da Peneda não se pode dissociar o fenómeno religioso, que terá tido um grande incremento na segunda metade do século XVI, em virtude das fortes epidemias que grassaram no país¹¹, levando as populações, em peregrinação e penitência, a recorrerem à protecção da Nossa Senhora das Neves, o nome, de facto, da Senhora da Peneda.

Contudo, foram as últimas décadas do séc. XVIII que teriam assistido à fixação intensiva de famílias vindas das aldeias limítrofes, que se deslocizaram para a Peneda atraídas pelos postos de trabalho resultantes das obras, de grande envergadura, relacionadas com a construção do imponente complexo, que envolve o Santuário¹², os Quartéis destinados ao alojamento dos peregrinos, dos quais já se destacavam os galegos, pois, nessa época, a Peneda era um lugar desprovido de habitações e os romeiros viam-se obrigados a descansar do rigor da caminhada nas lapas e grutas, que, proliferavam em abundância.

⁸ - “Inquirições de D. Afonso III”, 1888, *Portugaliae Monumenta Historica, Inquisitiones*, Vol. I, Lisboa, p. 396.

⁹ - Pintor, Pe. Manuel Bernardo (1976), *Santuário da Senhora da Peneda, Uma Jóia do Alto Minho*, Braga, pp. 16-17.

¹⁰ - Designação que as populações atribuem aos caprinos.

¹¹ - Pintor, Pe. Manuel Bernardo (1976), *Santuário da Senhora da Peneda, Uma Jóia do Alto Minho*, Braga, p. 25.

¹² - Pintor, Pe Manuel A. Bernardo, 1976, *Santuário da Senhora da Peneda, Uma jóia do Alto Minho*, p. 31.

A ocidente da aldeia da Peneda, encontramos a sede da freguesia, o lugar da Igreja, que terá a sua origem num núcleo humanizado por habitantes naturais da freguesia de Gave, actual concelho de Melgaço, freguesia que justificará o nome actual, Gavieira¹³.

Quer em 1753¹⁴, no *Dicionário Geográfico*, quer em 1795¹⁵, no *Tombo da freguesia do Soajo e sua Anexa*, a Gavieira, apenas, se discriminaram, para esta freguesia, os lugares de Rouças, Tibo, Igreja. Em relação ao da Peneda, evidencia-se, já, a importância do Santuário e a respectiva Irmandade, assim como a religiosidade a S. Bento, no Cando, que teria a suportá-la uma duradoura tradição¹⁶, que já existiria nos séculos XII-XIII, assim como o sítio de Bouça dos Homens¹⁷.

Se no séc. XVIII começou a construir-se o lugar da Peneda, só muito mais tarde, já em pleno séc. XIX, teria emergido o lugar do Baleiral. Desconhecemos as causas da implementação do Baleiral, mas, muito possivelmente, poderão estar relacionadas com a evolução positiva da Peneda, cujo aumento populacional contribuiria para que, gradualmente, as famílias optassem por se fixar a juzante¹⁸.

Sem querer debruçarmo-nos sobre a génese e evolução dos lugares primários da Gavieira, pensamos que estas notas permitem entender o facto do homem da serra da Peneda, independentemente, da povoação a que esteja associado, sempre ter necessitado de espaços amplos, por onde deambulava à procura dos melhores exemplares de caça, dos melhores prados espontâneos para a sua *fazenda*¹⁹ e das rechãs, com superfície agrícola útil que, apesar das dimensões reduzidas, lhe permitiam mais um espaço de cultura, independentemente da distância ao lugar em que residia.

Espaços, cujas expressões contemporâneas são suficientemente reveladoras da importância assumida, durante séculos, na organização deste território, além de reflectirem as mutações verificadas nas últimas décadas no comportamento dos respectivos habitantes, nomeadamente, os da Gavieira.

¹³ - Vasconcelos, J. Leite de Vasconcelos (1927), *De Terra em Terra*, Vol. I, Imprensa Nacional, p. 16.

¹⁴ - Nas *Memórias Paroquiais* de 1753 declara-se, explicitamente, que a freguesia "... compreende tres lugares, que sao o mesmo da Gavieyra, o lugar de Rouças, e o lugar de Tibo....".
Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Dicionário Geográfico*, vol. 17, *Memória* 27, Ano de 1758, Lisboa.

¹⁵ - Arquivo Distrital de Braga, *Tombo da Igreja de S. Martinho do Soajo e sua anexa S. Salvador da Gavieira*, Ano de 1795, Caixa 281, nº 2, Fls. 1-48.

¹⁶ - Já se realizavam as duas festas anuais, a 21 de Março e 11 de Julho, com uma grande afluência de peregrinos, além de, por exemplo, a capela ter capelão, sustentado pelas ofertas dos devotos e populares.
Arquivo Distrital de Braga, *Tombos*, Livro II, Fls 43-43v.

¹⁷ - Arquivo Distrital de Braga, *Cartulário de Fiães*, in Pintor, Pe Manuel A. Bernardo (1981), "Por Terras do Soajo, S. Bento do Cando na freguesia da Gavieira", *Terra de Val de Vez*, Nº 2, II Semestre, G.E.P.A., Arcos de Valdevez, p. 20.

¹⁸ - Medeiros, Isabel (1984), "Acerca do Povoamento na Serra da Peneda" in *Terra de Val de Vez*, nº 4, Boletim Cultural, G.E.P.A., Arcos de Valdevez, p. 55.

¹⁹ - Nome que as populações atribuem, genericamente, aos animais, nomeadamente, caprinos, ovinos e bovino.

2. Regimes agro-silvo-pastoris

Desde sempre as populações da serra da Peneda fizeram depender a sua sobrevivência da potencialização dos recursos, que o seu chão lhes proporcionava, recorrendo, por isso, ao engenho alicerçado num forte espírito de solidariedade e de cooperação, de esquemas e estratégias capazes de maximizar as produções e de enquadrar a sua serra numa especificidade própria, embora, se torne mais que evidente, o contraste e a variedade das suas paisagens e territórios.

Comunidades isoladas e afastadas dos principais centros urbanos e de decisão, dispersas num território, que *a priori* lhes era hostil, organizaram-se de modo a gerir *per si* a maioria dos seus problemas, de forma autónoma e auto-gestionária, sem, contudo, ter deixado de existir a propriedade privada e a iniciativa individual, atributos fundamentais das sociedades liberais²⁰.

Assim, nas aldeias, além da propriedade privada, que inclui, predominantemente, as parcelas de cultivo e o edificado, coexiste a montanha em comum, isto é, o *monte*, as *terras do comum*, *incultos* ou *baldios*, pela simples razão de corresponder à melhor forma de se conseguir, em termos de rendimento, os resultados mais vantajosos. Se os *baldios* englobavam uma vasta área da aldeia, não passariam de uma reserva patrimonial da comunidade, a quem se reconhecia o direito de gerir, directamente, através do *conselho* dos vizinhos, que eram, sempre, os residentes considerados mais idóneos.

O modo como se desenrolaram e organizaram as tarefas nos *baldios*, utilizados como autênticas explorações silvo-pastoris em comum, sempre dependeu dos ciclos vegetativos das culturas, que se praticavam, na maioria dos casos, a altitudes inferiores, em explorações agrícolas de pequena dimensão e de carácter familiar, mas, juridicamente, propriedade privada.

Da complementaridade dos rendimentos oriundos das duas formas de exploração, a silvo-pastoril em comum e a agrícola familiar e por conta própria, dependeu, desde tempos desconhecidos, a sobrevivência das famílias na base de um sistema agro-silvo-pastoril, que, em pleno séc. XXI, apenas, os mais idosos, são capazes de se pronunciarem sobre a importância efectiva, na vida da aldeia, de uma forma tão *sui generis* de exploração, a agro-silvo-pastoril.

²⁰- Polonah, Luís, 1990, “Espírito de Comunitarismo” in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, nº 30, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, p. 66.

Assim, salientamos a Gavieira (Fig. 1), freguesia cujas aldeias estabeleceram uma curiosa interacção com outros lugares²¹, a altitudes cerca dos 1000 metros, em torno dos quais se processou um esquema de pastoreio de Verão e um sistema de culturas de sequeiro, a do centeio e a da batata, enquanto na aldeia se desenvolvia a cultura de regadio, a do milho grão, que alternava, no Inverno, com o lameiro²².

Actualmente, as parcelas, independentemente da altitude, ficam predominantemente de paúl²³, mas, após a limpeza que lhe é feita nos finais do Inverno, com o corte das silvas e ervas daninhas, fornece o feno que em Junho/Julho é cortado e arrecadado para ser utilizado como alimento dos animais nos dias rigorosos de Inverno.

Outrora, chegados os alvares do bom tempo, ou seja, sensivelmente, Março/Abril e, mesmo, Fevereiro, caso as condições meteorológicas o justificassem, os animais, gado miúdo e graúdo eram conduzidos por parte do agregado familiar ao lugar "mais alto", ou seja à *veranda*²⁴ animada, a partir de então, pelo bulício dos animais, que se passeavam pelas ruelas do sítio, enquanto os seus donos davam início a mais um ciclo agrícola.

Era um período de grande azáfama, pois o agricultor como que se "desdobrava" pelas fainas agrícolas, as da aldeia e as da *veranda*, "estabilizando" no mês de Maio com a subida de parte do agregado familiar, que se fazia acompanhar, inclusivamente, pelos galináceos, para aí permanecer durante todo o Verão.

Neste período, o estival, toda a família da Gavieira tinha duas residências em funcionamento, a do lugar, habitada todo o ano, apesar de albergar, apenas, parte do agregado, pois o restante tinha *subido* para habitar a casa da *veranda*.

Ainda neste período, o *gado* bovino dirigia-se para os altos cimos e por lá deambulava até às primeiras chuvas e rigores outonais, em busca das melhores manchas de lande, enquanto as vacas, que amamentavam, ou, estavam à espera do seu rebento, pastavam nos campos de feno e nas áreas em redor, pernoitando, sempre, na corte da *veranda*. Uma vez a cria independente, a mãe iniciava a abalada, rumo a sítios mais arejados e, por ventura, com pastos mais suculentos.

21- Lugar de Rouças: *Verandas* da Junqueira (1000 a 1050 metros de altitude) e Gorbela (950 a 1000 metros de altitude); lugar da Igreja: *Verandas* de S. Bento do Cando (altitude 900 a 950 metros) e Busgalinhas (1050 a 1100 metros); lugares da Peneda e Baleiral: *Veranda* da Bouça dos Homens (1000 a 1050 metros); o lugar de Tibo tem a *Veranda* de Rufe (950 a 1000 metros), mas encontra-se "abandonada" há uns sessenta a setenta anos.

22- O prado com forragem em que se pratica a rega de lima.

23- Designação local que se dá às parcelas que não são lavradas na primavera e, portanto, "ficam de velho".

24 - Expressão, provavelmente, com a mesma raiz etimológica de Verão.

Pintor, Pe. M. A. Benardo (1981) – "Por Terras do Soajo, S. Bento de Cando na freguesia da Gavieira" in *Separata Terra de Val de Vez*, nº2, I Semestre, pp. 32-33.

A forma de vigiar o *gado* em pastoreio livre revestia-se, segundo as aldeias, de diferenças, por vezes bem significativas, muito provavelmente, justificadas pelas extensão e localização dos *montes*.

Assim, por exemplo, em Rouças com as respectivas *verandas*, Junqueira e Gorbelas, cada criador deixava a "manada" deambular pelos altos cimos, limitando-se, esporadicamente, a percorrer as sendas tortuosas, para verificar se a barrosã estava de saúde, ou então, se não tinha sido um fausto repasto para o lobo, que espreitava, mas, se estivesse preocupado com a engorda, por exemplo, dos vitelos, a fim de *fazer uma boa feira*, a de S. Bento do Cando²⁵, tomava a iniciativa individual de os conduzir e acompanhar para os melhores pastos, dando-lhe uma "assistência" mais cuidada e "personalizada", tendo como centro de apoio, sempre, a sua *veranda*.

Já os caprinos e ovinos, sendo aqueles, em muito maior número, pernoitavam, sempre, nos currais da *veranda*, iniciando, todas as manhãs, acompanhados por dois pastores, uma longa caminhada, na esperança da descoberta de outros recônditos da serra, capazes de lhes oferecerem pastos mais apetitosos. Era a *vigia*, que se mantinha todo o ano, organizada, sempre, por dois pastores, que cada agregado familiar fornecia, *à vez*, independentemente do número de ruminantes que possuísse.

Em Setembro a *veranda* "despovoava-se" pois os seus habitantes, após a colheita das batatas e a sementeira do centeio efectuada, *desciam* à sua aldeia, acompanhados da *rês* e dos galináceos, e quando os dias chuvosos surgiam, o *gado* regressava para pastorear no lameiro, na orla dos caminhos e *monte* envolvente, permanecendo na corte nos dias mais rigorosos, *os dos nevões*, com a palha²⁶ e o feno secos a constituírem as refeições. Contudo, a *subida* às *verandas* repetia-se, frequentemente, em pleno Inverno, embora se pernoitasse, sempre na aldeia, pois, além da vigilância normal, que exigia a protecção dos haveres, o *gado* fazia duas incursões, precisamente, nos meses de Novembro e Janeiro, para esportar o centeio, já crescidinho²⁷, e as ervas, que se desenvolveram com as chuvas de Outono. Nestes dois meses intercalares, diariamente era *deitado* ao *monte*, mas, recolhia, todos os fins de tarde, à corte, apesar de os donos *descerem*, para pernoitar no lugar principal.

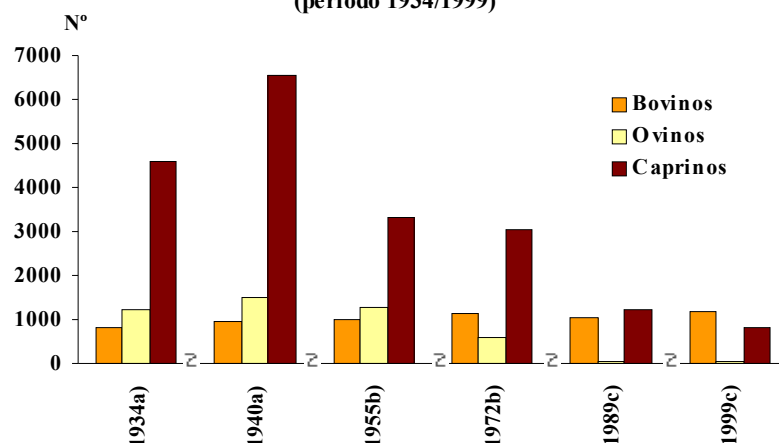
²⁵- Feira que se realizava no dia 9 de Julho, mas as festas, em honra de S. Bento, prolongavam-se pelos dias 10 e 11. Actualmente, apenas existem as festas de S. Bento, que atraem romeiros provenientes de longas paragens, como, por exemplo, o Porto.

²⁶- Caules do centeio e do milho secos.

²⁷- O centeio semeia-se no mês de Setembro para ser ceifado no mês de Julho do ano seguinte.

Com os povoamentos florestais iniciados na década de quarenta do séc. XX e a inevitável redução das áreas de pastagem verificou-se uma diminuição drástica do efectivo pecuário, nomeadamente nos caprinos, redução que se acentuou, de modo irreversível, com o fenómeno emigratório iniciado na década de cinquenta (Fig. 2).

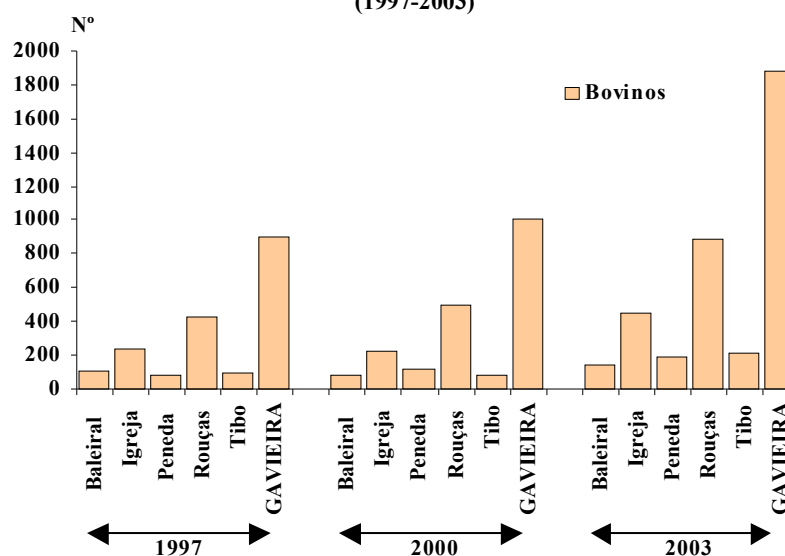
Fig. 2 - Evolução dos animais de pastoreio na Gavieira (período 1934/1999)



Fontes: a) *Arrolamento Geral de Gados e Animais de Capoeira, 1934 e 1940*, Lisboa, Ministério da Agricultura; b) *Arrolamento Geral de Gado, 1955 e 1972*, Lisboa, I.N.E.; c) *Recenseamento Geral da Agricultura, 1989 e 1999*, Lisboa, I.N.E.

Actualmente, a *rês* e os ovinos não têm expressão na economia da Gavieira, pelo simples facto de, em Junho/2004, não existirem. Contudo, o gado barrosão, mais concretamente a barrosã, tem adquirido, nos últimos anos, uma maior importância na economia das populações (Fig. 3).

Fig. 3 - Evolução dos bovinos nas aldeias da Gavieira (1997-2003)



Fonte: *Animais intervencionados*, Cooperativa Agrícola Arcos de Valdevez e Ponte da Barca, Secção de Sanidade Animal, 2004, Arcos de Valdevez.

A tónica dominante, nos nossos dias, em toda a serra da Peneda, incide na criação de gado bovino²⁸, precisamente a barrosã, porque é o animal de *maior rendimento*, em virtude de ser raça autóctone e, por conseguinte, objecto de protecção específica, em termos de subsídios comunitários, para lá, do rendimento acrescido e, normalmente anual, da cria.

Na Gavieira, não encontramos explorações de pecuária organizadas em moldes racionais, à excepção da localizada em Tibo, com mais de duas centenas de bovinos. Contudo, é em Rouças e na Igreja, que residem as famílias com cerca de trinta a quarenta cabeças de gado a pastorearem, de modo errático, por princípio, todo o ano na *serra*, apercebendo-se, muitas das vezes das crias, quando, já, estão bem crescidas, pois aguentam os rigores das temperaturas altas, no Verão e baixas no Inverno, uma vez que, apenas, nos invernos mais rigorosos, parte dos animais tomam a iniciativa de descerem ao "seu povoado".

Apesar de um certo dinamismo motivado pelos incentivos comunitários na criação de bovinos de raça autóctone, a altitudes próximas dos 1000 metros e dispersos na paisagem, o que se evidenciam são os núcleos residenciais *sui generis*, em torno dos quais se dispõem as parcelas de cultivo, outrora, intensamente ocupadas pelo centeio e pela batata, hoje, pelos fenos e giestais, mas, onde o fluxo de pessoas e animais continua a ser intenso, pois como o efectivo de gado é, relativamente, elevado, todos os apoios e cuidados, que a barrosã exige, continuam a ser prestados, predominantemente, a partir das Busgalinhas, Junqueira, Gorbelas, Cando ou Bouça dos Homens, lugares como que alcandorados, mas voltados para as mais altas pastagens da serra da Peneda.

3. As verandas com função residencial

Pela serra da Peneda são frequentes os lugares, que se distribuem a altitudes cerca dos 1000 metros, com residências, normalmente, modestas, que tinham como função principal acolher o agricultor, em períodos específicos, por princípio, na época estival e de acordo com as fases do ciclo vegetativo das culturas.

Se, por exemplo, na Gavieira separam as *verandas* dos respectivos núcleos principais, as formas vigorosas e variadas de relevo, as distâncias, tempo e absoluta, os sistemas de culturas, de regadio e de sequeiro, é a forma de aglomeração, que dá a identidade e unidade ao *habitat*, bem específico da serra da Peneda, o agrupado.

Se o lugar principal sempre foi, ao longo de todo o ano, habitado, o respectivo índice demográfico variava, de acordo com a divisão, embora temporária, do agregado familiar,

²⁸- Como o garrano, raça autóctone, é alvo de apoios comunitários, actualmente, muitas famílias, lançam-no na *serra*, perdendo-lhe, frequentemente, o rasto, inclusivé o das próprias crias.

imposta pelos trabalhos agrícolas desenvolvidos a altitudes superiores.

Se o percurso a efectuar, entre o núcleo principal e o implementado a altitudes superiores, era muito duro, nos tempos em que, só era possível fazê-lo a pé, não era motivo, contudo, para que os residentes não se deslocassem, frequentemente à *veranda*, ou, porque as culturas e a *fazenda* o exigiam, ou, porque, simplesmente era necessário vigiar e proteger o património, como acontecia nos meses de Outubro, Dezembro, Fevereiro e Março. Nos meses restantes do ano, as fainas agrícolas impunham-se e, portanto, parte do agregado familiar subia e pernoitava na *veranda*, por períodos variados, de acordo com a duração do trabalho agrícola, mas, lembrámo-nos, que, sempre de Maio a finais de Agosto, a casa estava habitada, apesar dos membros familiares se revezarem, pois era necessário coordenar os trabalhos que, em simultâneo, se desenvolviam, quer na veranda, quer no lugar principal.

Hoje a situação é diferente. A todas as *verandas* chegam troços de estrada, em terra batida nas Busgalinhas, Junqueira e Gorbelas, para a preservação do quadro natural, em pavimento asfaltado em S. Bento de Cando e na Bouça dos Homens²⁹. Acessos animados pelos tractores equipados com as respectivas alfaías agrícolas e pelas carrinhas, que, na época estival, diariamente, interligam o lugar principal à respectiva *veranda*.

Se as novas acessibilidades favorecem e incentivam os moradores a pernoitar na aldeia principal, agregados há, cujos membros mais idosos cumprem, religiosamente, a tradição, fazendo-se acompanhar, inclusive dos galináceos³⁰.

Contudo, o “normal” e “usual”, na actualidade, traduzem-se numa repetição de trajectos, com períodos variados, isto é, na *subida* à *veranda*, ou, diariamente, ou, então, com permanência correspondente aos dias exigidos pela realização da tarefa, *descer* ao lugar, para, no dia, ou, nos dias seguintes, *subir* o mesmo membro, ou, outro do agregado familiar.

Este quadro de movimento humano está bem presente nas Busgalinhas, Junqueira e Gorbelas, em que muitas das casas de granito escuro e austero, foram reconstruídas, com a preocupação da conservação da traça original e respectivos materiais de construção, preservando, assim, apesar das grandes melhorias efectuadas, a austeridade, que quase as confundem com a majestuosidade dos granitos, que coroam a *serra*, enquanto, outras foram, apenas, “consertadas” para a defesa das intempéries, em contraste com as que, simplesmente, se encontram em decadência e, ou, em ruínas.

Mas, muitos “atentados” também surgem na traça original, ou, pelos materiais

²⁹- As *verandas* de S. Bento do Cando e das Bouças dos Homens, em nosso entender, estão desvirtualizadas, por um certo grau de “urbano”, que lhes é conferido pelas construções e acessos e, em simultâneo, a decadência das manchas agrícolas.

³⁰- Pudemos constatar nos Verões de 2002 e 2004 as galinhas “pica que pica” deambulando pelas “ruelas” das Busgalinhas.

aplicados, ou, pela adulteração do alçado e da própria planta, isto é, a de raíz.

A casa da *veranda* era, por princípio constituída por dois pisos, o rés-chão com a função de corte para resguardo dos animais e o piso superior para albergar a família, a que se acende por uma escada exterior. A ausência, quase total de janelas, justifica-se pelos rigores climáticos. Ao nível do rés-chão, ou melhor, das cortes, lá está o quinteiro, um pequeno recinto, delimitado por um muro em pedra, que se destinava a recreio e resguardo do gado, ou então, temporariamente dos matos e alfaías.



Fig. 4 - Veranda da Junqueira em 2004: evolução de uma humanização difícil e multissecular

Diremos que nestas três verandas a vida pulula, não só devido às casas "novas", reconstruídas e, casos raros, de raiz, mas pelas manchas de centeio, dos fenos secos e enfardados ao longo dos meses Junho e Julho, das vacas e respectivas crias, que deambulam pelas “ruelas” e pastoreiam nas parcelas envolventes, dos sons dos tractores, que eclodem e dão ritmo aos laivos de progresso, além da instalação da luz eléctrica, que se verificou no ano de 2004.

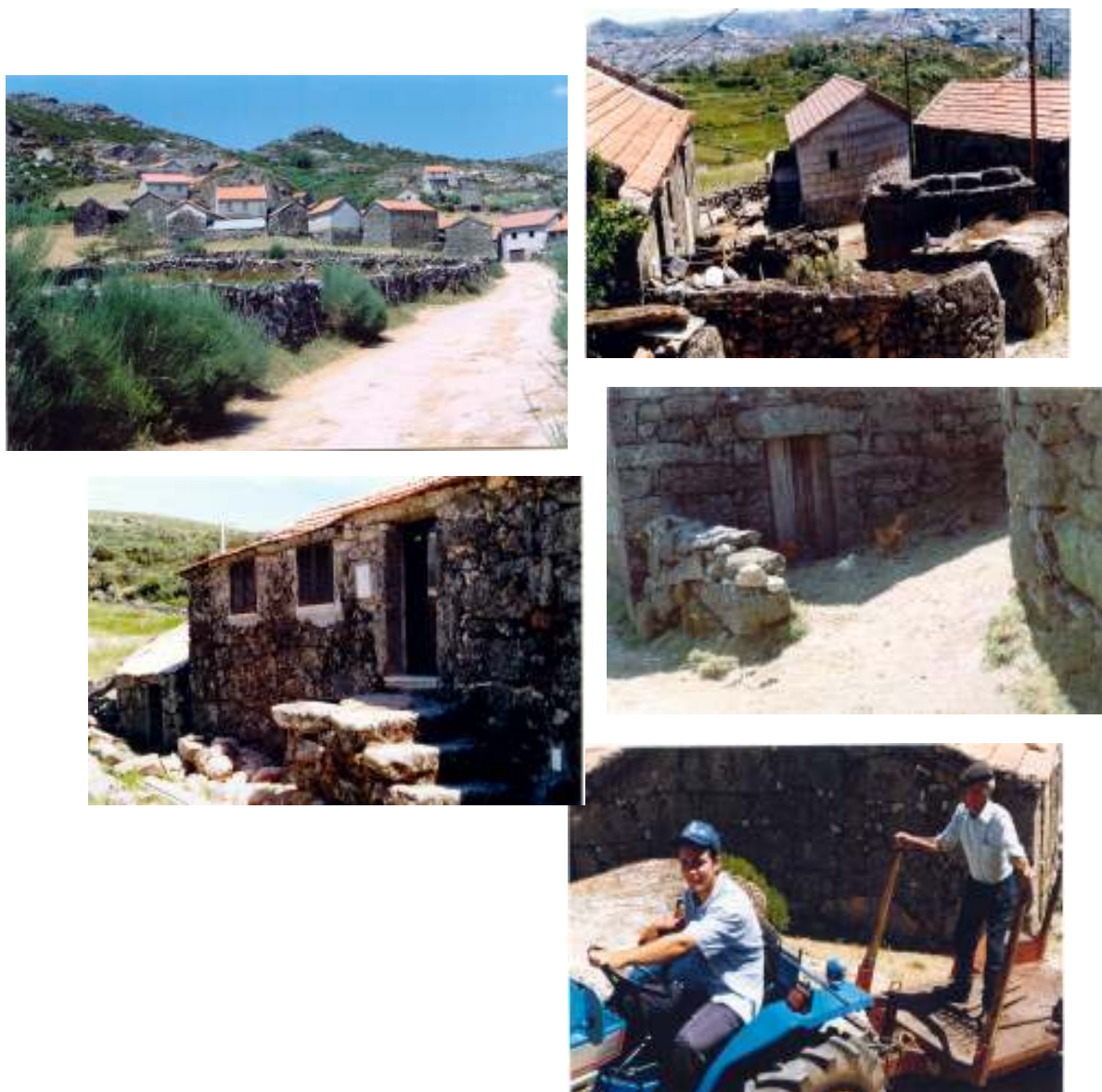


Fig. 5 – Veranda das Busgalinhas em Junho/2004: a geração garante de um amanhã nebuloso

Em S. Bento do Cando e nas Bouças dos Homens, não só o tipo de pavimento nos acessos, o asfalto, e a instalação eléctrica implementada há mais tempo, como as próprias construções conferem uma outra imagem, a de um “ar mais urbano”. Assim, em S. Bento do Cando, que em virtude do fenómeno religioso, a devoção a S. Bento, se destaca pelo largo da

Capela, circundado por edifícios, de certa imponência, todos pertencentes à Irmandade do Santo, S. Bento, em que se evidenciam os Quartéis³¹, que fornecem alojamento aos peregrinos, ou, aos turistas, que pretendam usufruir uma ou várias noites passadas a 950 metros de altitude, em pleno coração da Peneda e justificam a existência dos dois cafés e do restaurante aberto aos fins de semana, enquanto a Bouça dos Homens, ostenta casas reconstruídas, em que se salienta a argamassa com tons bem coloridos, que oblitera, em nosso entender, a parede austera de granito.

Nestas duas verandas as manchas de centeio desapareceram, assim como a azáfama do corte dos fenos, restando as cabeças de gado, que, diariamente, cumprem a tradição, ao pernoitarem nas respectivas cortes dos sítios.

Situação bem diferente se encontra a veranda de Rufe, dos moradores do lugar de Tibo, deixada, melhor, abandonada, há mais de meio século, pois era muito duro e difícil o respectivo acesso, além das produções do centeio e batata serem muito baixas. Contudo, Rufe, ainda, mantém, actualmente, as habitações, isto é, os casebres³², além das parcelas, outrora, cultivadas, mas, que os respectivos proprietários, quando do seu abandono, delimitaram por muros em pedra, a marca da propriedade privada, devidamente, declarada na Secção de Finanças do concelho, o dos Arcos de Valdevez.

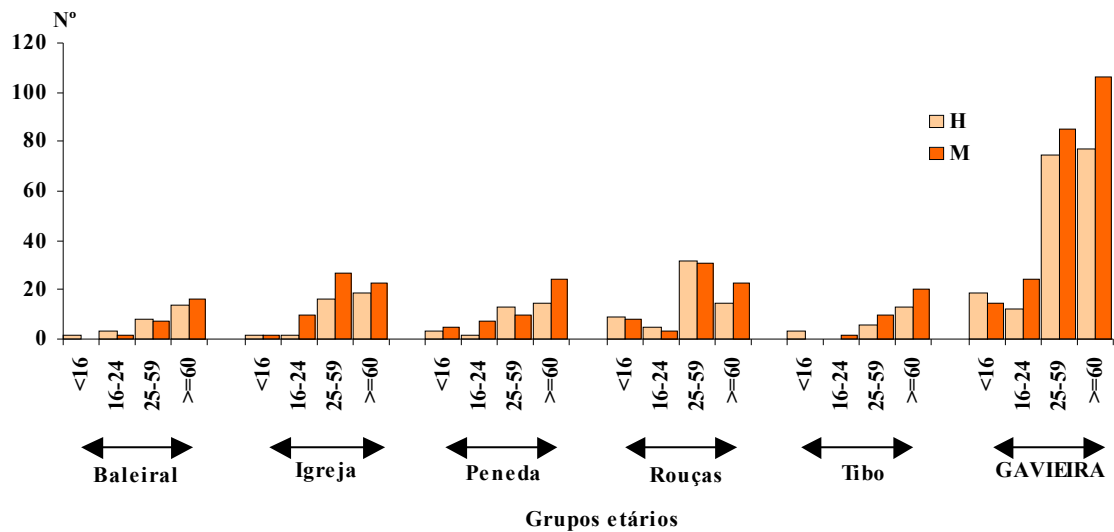
Em pleno século XXI, uma questão pertinente relaciona-se com o amanhã de aglomerados, como as verandas da Gavieira, elementos indispensáveis numa estrutura agrária, que perdurou durante séculos e resultou da necessidade das populações conseguirem rendimentos mínimos de sobrevivência, mas que, na actualidade, apresentam ritmos de vida bem diferenciados, que se manifestam, quer na reconstrução, feita em moldes de preservação da traça e materiais endógenos, ou, então em moldes "práticos", com a ostentação dos "alumínios" e, por vezes, azulejos, quer na consertação indispensável à manutenção do edifício multissecular, quer ao abandono puro e simples do respectivo proprietário. Apesar de todos os condicionalismos, hoje, as obras impõem-se nas verandas, por que já há estrada e electricidade, por que a sensibilização do habitante para o interesse turístico começa a fazer-se sentir.

Um facto que não se pode descurar relaciona-se com o envelhecimento, que atinge todas as aldeias da Gavieira (Fig. 6).

³¹- Os quartéis são edifícios austeros, mas grandiosos, da Irmandade de S. Bento, destinados a alojar não só os peregrinos, que se deslocam para assistir à festa em honra do Santo, em Julho, como aos turistas, que desejem usufruir da calma e das paisagens magestosas da Peneda.

³²- Como forma de expressar o aspecto precário e rudimentar das habitações, mesmo, quando habitadas, os moradores, espontaneamente, designam-nas por *cortelhos*.

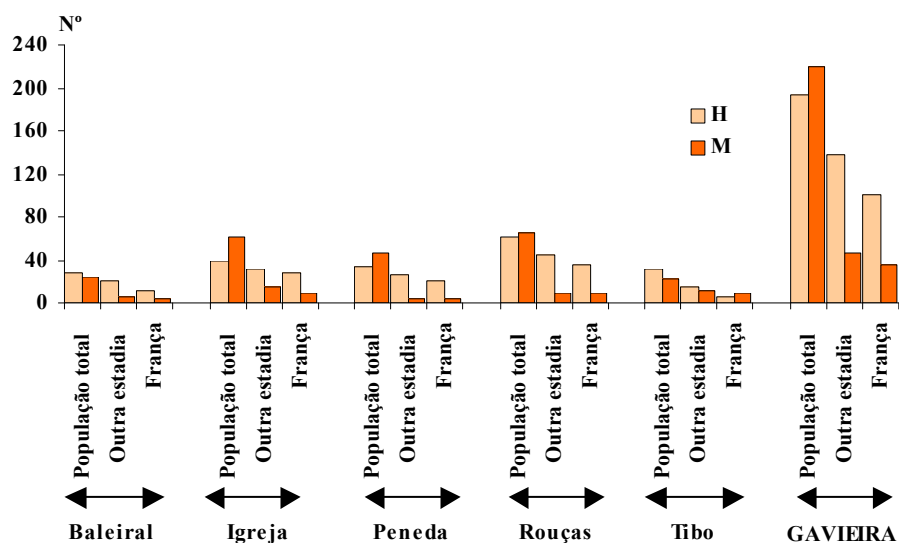
Fig. 6 - Gavieira: idade da população segundo os lugares (2000)



Fonte: Levantamento por nós efectuado em Setembro/2000.

Se o grupo etário inferior aos vinte e cinco anos tem uma expressão muito reduzida, os menores de dezasseis anos atingem um valor mesmo diminuto, com o Baleiral e Tibo a não ter nenhuma rapariga representativa do grupo em idade escolar, mas, apesar de tudo, a freguesia a conseguir sustentar a escola básica, que oferece o primeiro e segundo ciclos, este no modelo da Telescola. População envelhecida, que, maioritariamente, passou o período activo a trabalhar longe do torrão natal e que regressou no outono da vida, com um "pé de meia" que lhe permite uma vida desafogada e, por que não, com um bom rendimento resultante, não só da respectiva reforma, como das rendas oriundas de bens imobiliários adquiridos, por princípio, em Braga, e, em casos esporádicos na sede do concelho, os Arcos de Valdevez. Se na freguesia predomina o sexo feminino, foram os homens aqueles que mais se aventuraram a trabalhar no estrangeiro, emergindo a França como o país que maiores expectativas soube criar na população da Gavieira (Fig. 7).

Fig. 7 - Gavieira: Os residentes com estadia noutras localidades (2000)



Fonte: Levantamento por nós efectuado em Setembro/2000.

A França, a par dos Estados Unidos da América e do Canadá, foram os países, que mais atraíram o habitante da serra da Peneda. Assim, desde as primeiras décadas do séc. XX, o homem do Soajo e de Ermelo, por exemplo, optava, a par de Lisboa, pelos lugares transatlânticos, enquanto o homem da Gavieira, persistentemente, calcorreava as sendas tortuosas de uma serra magestosa, mas, que lhe era madrasta, optando, tardiamente, em comparação com os seus vizinhos, pelo êxodo.

Após décadas duras de trabalho, o homem da serra da Peneda deixa os filhos, que seguiram o seu exemplo, e regressa à terra, pois tem a aguardá-lo a mulher, além do muito trabalho que há para fazer.

Agora, com vida desafogada, opta, por exemplo, pelo tractor, cujas dimensões não permitem a entrada na maioria das parcelas, ou então, pelas obras, das quais, dificilmente, conseguirá um mínimo de rentabilidade.

Mas, há que entender estes eventos, como uma das formas encontradas para expressar o apego e ligação ao torrão natal, como, por exemplo, na Gavieira, a preservação da sua veranda, que se justifica não pela pragana que se semeia, mas pela casa que se reconstrói, enquanto se aguarda a chegada dos filhos, que adoram passar lá as férias, quando em Agosto, vêm usufruir o descanso merecidíssimo, após onze meses árduos no país que os acolheram.

Ora, se as *verandas* da Gavieira, aglomerações *sui generis*, em virtude das construções se destinarem à função residencial, no período estival, para parte do agregado familiar, que possui a casa principal a altitudes inferiores, constituíram elementos indispensáveis de um sistema agrário, ou melhor, agro-silvo-pastoril, cujas estruturas se desmoronaram, merçê da evolução industrial e urbana da sociedade contemporânea, elas desempenharão um papel não menos importante, também, como residência dos tempos livres, mas, integradas em espaços de lazer, actualmente, usufruídos por familiares dos residentes, num futuro não muito longínquo, por cidadãos, que buscam na serra os momentos de descanso e acalmia, que a cidade lhes recusa.

Como a criação de gado em pastagem livre se encontra em franca evolução positiva, somos de opinião que, qualquer projecto de desenvolvimento para a Gavieira inserida numa área protegida, concretamente, o Parque Nacional da Peneda Gerês, terá que englobar soluções, que associem a criação de gado extensiva à utilização dos espaços de lazer, após uma remodelação das aldeias, que não ponha em causa o quadro natural que as envolve, nem a traça original dos edifícios, assim como os materiais de construção endógena.

Considerações finais

No soco hercínico do Noroeste Peninsular individualiza-se a serra da Peneda, pelas paisagens vigorosas e matizes das rechãs, que o homem tão bem soube utilizar, quer para a implementação do edificado, quer para a prática de uma agro-pastorícia, sempre, dependente da cobertura vegetal da *serra*, a lande de altitude.

O homem da serra da Peneda sempre necessitou de espaços amplos, por onde deambulava à procura dos melhores prados espontâneos para os animais, graúdo e miúdo, das rechãs com superfície agrícola útil que, apesar das dimensões reduzidas, lhe permitiam outras áreas de cultura, apesar das distâncias, que, por vezes, o separavam da aldeia onde residia.

Assim, um sistema de movimentos e fluxos, com duração multissecular, aproximou lugares e sítios, a altitudes entre os 100 e mais de 1 000 metros o que, muito provavelmente, explica as nuances de um povoamento, que é agrupado.

Preocupado em maximizar a utilização da *serra*, o homem da Peneda recorreu a esquemas engenhosos, como, por exemplo, a construção de outros lugares, em que erigiu residências, cujo período de utilização fez depender dos ciclos vegetativos, não só das culturas que praticava, como do desenvolvimento máximo da lande de altitude³³.

Lugares, como as *verandas* da Gavieira, cujas residências eram sempre mais modestas, comparativamente, com as do lugar principal, mas, com uma funcionalidade primordial na criação extensiva de gado, a que se associava a prática das culturas de sequeiro, a do centeio e a da batata.

No séc. XX, a política florestal dos anos quarenta e o êxodo iniciado na década de cinquenta, constituíram factores, que justificaram uma decadência, ainda hoje, bem evidente nas casas em ruínas e nas parcelas cobertas por vegetação espontânea, o chamado feno, que substitui as manchas de outrora, as de centeio e batata.

Habitações cujo período de ocupação sempre dependeu do ciclo vegetativo das culturas e da exuberância das pastagens a altitudes superiores, ou seja, o período de Março/Abril a finais de Setembro, assistiram, nas últimas décadas, a uma ausência dos moradores, pois, apenas os mais persistentes e em reduzido número, por sinal, os mais idosos, continuam a cumprir o calendário, como no caso das Busgalinhas.

Lugares isolados, assistiram nos finais do séc. XX à abertura de estradas, em terra batida, que interliga as Busgalinhas, Gorbelas e Junqueira à estrada asfaltada, que conecta a

³³- Outros esquemas de utilização da *serra* foram desenvolvidos e implementados pelo residente da serra da Peneda, mas, que não constituem objecto desta comunicação, como, por exemplo, os abrigos e áreas de recolhas do gado, que foram implementados nas chãs a altitudes superiores a 1000 metros.

freguesia, nomeadamente, S. Bento do Cando e Bouça dos Homens.

Povoações electrificadas, mas, apenas nos inícios de 2004 as Busgalinhas, Junqueira e Gorbelas assistiram à chegada deste bem.

Enquanto parte das residências, gradualmente e de modo estoico, se desmoronam perante a indiferença dos proprietários, outras são alvo de reparações, que lhes garantem a conservação e uma parte significativa são submetidas a obras que, por vezes, lhes alteram, por completo, a traça genuína.

S. Bento do Cando distingue-se pela arquitectura dos edifícios, pelos dois cafés e o restaurante, que funciona ao fim de semana, em virtude da religiosidade em torno do Santo patrono, S. Bento, possuindo a Irmandade edifícios, os Quartéis, com oferta de alojamento para os peregrinos e turistas. É, em nosso entender, a veranda mais descaracterizada, juntamente com a da Bouça dos Homens, não só no edificado, como na escassez das actividades agro-pastoris.

Nas Busgalinhas, Junqueira e Gorbelas a vida manifesta-se na azáfama da recolha dos fenos, na presença dos bovinos, nas parcelas de centeio, embora em pequeno número, e na malhada do centeio, actualmente, de pequenas proporções, efectuada em finais de Julho a princípios de Agosto, consoante as condições climáticas.

Uma questão que, de imediato, se levanta relaciona-se com o advir destes aglomerados, uma vez que as condições justificativas da sua implementação se desmoronaram na segunda metade do séc. XX.

Comunidades envelhecidas, em que o grupo dos activos engloba, primordialmente, residentes, que durante duas a três décadas labutaram no estrangeiro para conseguiram um "pé de meia", que lhes permite auferir rendimentos de origem vária, como dos imóveis adquiridos, por princípio, na cidade de Braga ou de uma reforma, comparativamente, bem mais volumosa à conseguida no país natal, labutam por gosto, por entretenimento, aplicando as "novas tecnologias agrícolas" na base de um saber empírico assimilado no estrangeiro, precisamente, na França, pois na sua terra a informação dos técnicos, agrícola, do ambiente escasseia, ou simplesmente, falta.

Desta forma, conseguimos entender, por exemplo, o parque de máquinas agrícolas em que dominam as alfaías cujas dimensões em nada se enquadram na área média das parcelas de cultivo ou na largura dos caminhos, quase sempre sinuosos e declivosos.

Freguesia inserida no Parque Nacional Peneda Gerês, desde logo, ostenta um cartão de apresentação muito apelativo para o visitante urbano. Se associarmos a este facto, a influência multissecular exercida pela *veranda* do Cando e pela aldeia da Peneda, devido ao fenómeno

religioso, respectivamente, de S. Bento e da Senhora da Peneda, bem patente nos complexos reconstruídos e de apoio ao visitante, falta, em nosso entender, uma sistematização de medidas, que visem o incentivo à pecuária autóctone, em pastagem livre, o que exige uma reconversão dos lameiros, os das parcelas cultivadas e os dos altos cimos, a par de uma agricultura, que privilegie culturas autóctones, por exemplo, o milho grão, a matéria prima na produção de um bem local de qualidade a *boroa* e o feijão, cujas características são favoráveis a poder ser considerado um *alimento funcional*.

Ainda no campo da produção agrícola e aproveitando o saber local, é de fomentar a implementação de explorações de plantas aromáticas e medicinais, que se desenvolvem de forma espontânea, como, entre outras, o alecrim, a carqueja, a salva ou o hipericão.

Outros aspectos muito favoráveis a estas comunidades manifestam-se nos hábitos enraizados, ao longo das gerações, traduzidos na utilização de bens do *povo*, os *montes* ou *baldios*, fonte das lenhas, dos matos e das pastagens para a *fazenda*, que as comunidades tão bem geriam entre si, a *água de rega*, distribuída de acordo com a área cultivada, a *entre ajuda* presente na realização das tarefas mais penosas, como eram as malhadas do centeio, os *trabalhos em comum* na conservação do património do povo, os caminhos, as condutas das levadas, em suma, um conjunto de atitudes e hábitos, com duração de muitos séculos, e que poderão favorecer a constituição de grupos, cooperativas ou sociedades.

Para a serra da Peneda poder-se-á prever um futuro promissor se as populações forem devidamente informadas e acarinhadas para investirem e serem os actores em projectos, que se preocupem com o aproveitamento equilibrado da sua serra, cuja sustentabilidade terá que se basear numa pecuária em pastagem livre, numa agricultura de produtos endógenos, na construção, junto do potencial mercado de consumidores, de uma marca de qualidade dos seus produtos, num turismo que vise a usufruição das condições naturais, não descurando o religioso.

Pilares de um desenvolvimento, que se pretende que seja atractivo à fixação de famílias jovens, que justifique, aos mais idosos, uma avaliação positiva dos sacrifícios efectuados no estrangeiro, que o edificado readquira o equilíbrio da traça e dos materiais genuínos de construção, em suma, que os espaços, cultivados, construídos e silvícolas tragam a harmonia e equilíbrio às paisagens de uma serra, que, apesar de tudo, é generosa para os seus nativos.

Referências bibliográficas

- Coudé-Gaussen, Geneviève (1988), ""Un faciès méridional au sein des "moyennes montagnes atlantiques": les serras orientales du Minho"" in *Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro*, 2º Vol., C.E.G.,

Lisboa, pp. 211-221.

- Coudé-Gaussen, Geneviève (1981), *Les Serras da Peneda et do Gerês, Étude Géomorphologique*, C.E.G., Lisboa, 226 p.

- Medeiros, Isabel (1984), "Acerca do Povoamento na Serra da Peneda" in *Terra de Val de Vez*, nº 4, Boletim Cultural, G.E.P.A., Arcos de Valdevez, pp. 39-56.

- Pintor, Pe. Manuel Bernardo (1976), *Santuário da Senhora da Peneda, Uma Jóia do Alto Minho*, Braga, 182 p.

- Polonah, Luís (1990), "Espírito de Comunitarismo" in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, nº 30, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, pp. 63-82.

- Vasconcelos, J. Leite de Vasconcelos (1927), *De Terra em Terra*, Vol. I, Imprensa Nacional, Braga, pp. 1-19.

Referências impressas e manuscritas

- "Inquirições de D. Afonso III" in *Inquisitiones* (1888), *Portugaliae Monumenta Historica*, Vol. I, Lisboa.

- Arquivo Distrital de Braga, *Tombo da Igreja de S. Martinho do Soajo e sua anexa S. Salvador da Gavieira*, Ano de 1795, Caixa 281, nº 2.

- Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Dicionário Geográfico*, vol. 17, *Memória* 27, Lisboa.

